DOZE MORADAS

DE SILÊNCIO

AL BERTO

1.

... penso na morte e sei que continuarei vivo no epicentro das flores. ou no abdómen ensanguentado dos outros corpos-meus. na concha húmida de tua boca. em cima dos números mágicos que anunciam o vento e o estado do tempo

penso na morte ao olhar o teu retrato

improviso um olhar um voo de alma penada . a meteorologia da vida é imprevista . corpos de chuva soltam-se das areias lisas pelo tempo

2.

a escrita é a minha primeira morada de silêncio . a segunda é teu corpo movendo-se dentro dela... extensas praias vazias onde o mar não chega

deserto dos meus dedos em cristal sussurrando o último crime . areia e mais areia construindo no sangue altíssimas paredes de nada . esta paixão pelas coisas transpirando não sei que águas

a língua de fumo e o espalhar das sementes . grito de búzio . teu rasto de esperma à beira-mar

outros corpos incertos no precipício do crepúsculo...

3.

estamos quase no tempo do vinho maduro . soube-o pelo perfume que se desprende do teu sexo . mel que as zelosas abelhas transportam... oferendas de verão árduo . cal onde se gravam nomes a canivete

vinho macio que vou bebendo durante a noite . sentado numa esplanada mal iluminada . debaixo dos pinheiros orvalhados

um caderno de capa preta um lápis um refrigerante insuportável . tua ausência na baba sedosa dos caracóis

mais além... um caminho por onde nunca fui

4.

erva espezinhada poeira nos dedos mãos cansadas olhar vago por cima do mar . aves brancas pousadas em meu peito e o sol por dentro dos cabelos

caminhos que não conduzem a lugar nenhum . sempre estas dunas . aridez contínua figueiras bravas debruçam-se sobre os corpos . protegendo-os da luz

aonde? a esta hora...

teia tecida nos lábios dum peixe fabuloso . murmúrio de estrelas cometas aquáticos

lembras-te? ao entardecer...

resumo do dia: chuviscos, breves dálias colhidas ao sol, passos hesitantes pelas águas, fuga dos corpos, sombras debaixo das figueiras

... estendidos na erva para...

5.

rosas bravas espremidas leite morno sobre o ventre . emaranhado de trepadeiras secas . latas de conserva detritos resíduos de azeite louro e flores húmidas . girassóis alinhados nas bermas da estrada . rosas de leite fecundando o estrume

animais irreconhecíveis percorrem as estradas com um murmúrio de brasa que estilhaça . talvez seja uma hora da manhã em todos os relógios longe daqui

acendem-se fogueiras pelas areias . as silhuetas dos corpos desprendem-se das chamas . caminham livres em direcção doutros lugares secretos

alvéolos de sémen ardem . combustão lenta dos sexos no seio das conchas . corpos incendiados escondem-se na espessura da noite . na outra margem inacessível

6.

hoje é o sexto dia, sexta morada de silêncio

anotar os nomes das flores e das pessoas os nomes das areias e das argilas mais profundas . os nomes dos insectos e as marcas das coisas cortantes . recopiar algumas palavras de um livro:

... Toi que
j'ai vu dormir dans ma tièdeur de femme, comme un nomade roulé dans son étroite laine, qu'il te souvienne, ô mon amant, de toutes chambres ouvertes sur la mer où nous avons aimé.

manter a imobilidade absoluta dos rochedos . recear as falésias . tactear a medo teu corpo disperso pelos ventos . recolher o dia nas pálpebras . anunciar a noite com a ponta dum punhal em veludo . murmurar estrelas

reler tudo e o corpo em surdina

7.

sujar os dedos e o sexo na tinta permanente dos copros . desejar-te de olhos fechados sentado num jardim público

sublinhar determinadas palavras que se confundem ao mel . escutar atentamente os escaravelhos negros enrolarem um excremento dourado

ler um jornal uma carta . escrever um bilhete postal "CHEGUEI BEM, ESCREVO DEPOIS" . recolher folhas secas pequenas hastes quebradas . minúsculos ais que os animais esqueceram pelo jardim

seguir um cão sem rumo que te recorda...

8.

envolver-me na mais profunda solidão das searas e gemer . amassar com a saliva uma morte secreta durante o sono das papoulas . prolongar este verão até ao próximo verão . para que o meu corpo tenha tempo de amadurecer

tecerei nas coxas o mais belo fruto . com ele seduzirei as luas e os pastores desprevenidos . as bocas do gado salivando no restolho . as correrias das aves rasteiras

e crescerei nos intestinos da terra na morte húmida em tua boca . no opiáceo sono das estações quentes...

O creme de terre NÃO voltará a aparecer

coisas simples como in C...

DoDo
80

9.

hoje, dia de coisas simples

"Ai de mim! Que desgraça! O creme da terra não voltará a aparecer!"

coisas simples como ir contigo ao restaurante ler o horóscopo e os pequenos escândalos . folhear revistas pornográficas e demorarmo-nos dentro da banheira

na aldeia pouco há a fazer

falaremos do tempo em frente às chávenas vazias . inventaremos jogos de areia . beberemos café . sorriremos às pessoas e às coisas . caminharemos lado a lado (se estivesses aqui!) os ombros tocando-se . em silêncio olharíamos o brincar das crianças descalças...

... hoje

10.

página legível/quase ilegível

..... as nuvens súbitas ..... as asas das aves rompendo as ..... e ..... terra perfum ..... flores, sândalo dos meus olh ..... a página quadriculada do caderno de mercearia ..... ond ..... agulha de água pulsando ..... ar frio, lento que .....

as palavras obscurecidas pelas manchas de tinta são assinaladas pelos espaços pontilhados . soltas a um canto rasgado da página encontravam-se rabiscadas em coluna as frases que se seguem

... o tempo encoberto para lá das possíveis portas, quase sempre fechadas. apesar disso, pressinto o momento da evasão. o avermelhado das luzes em vigia, o albatroz solitário, a terra enegrecida pela sombra compacta das aves. nuvens pesadas mas vibráteis, não percebo... dentro de instantes ainda é cedo, será sempre cedo nas moradas do meu silêncio?

11.

... abandonar a aldeia o lugar a casa o corpo . viajar no último comboio da noite

repisar tuas sombras oblíquas naqueles sítios cercados de água . morder tua ausência de coral quebrando-se... migrar para onde o sono exista fora de ti

uma última cerveja um sorriso na cal luminosa . abro um livro mas não consigo ler . fecho os olhos

a paisagem foge num rápido e desfocado adeus

penso voltar . e sei que mentira desperta já em mim . recosto-me mais profundamente no assento . invade-me a ânsia do eterno viajante

comboios barcos que vão para onde? esperem por mim . eu vou...

12.

NADA . incessantemente nada

Je voudrais pas crever
Avant d'avoir connu
Les chiens noirs du Mexique
Qui dorment sans rêver

desenhar um quarto à medida de nossos corpos . apagar as luzes e a paisagem . fechar as janelas as portas e as mãos

esperar

V. N. de Milfontes / Verão 78